

A LINGUAGEM COMO UM DOS FIOS QUE TECEM A MEMÓRIA¹

Andréa Francisca da Luz²

Claudemir dos Santos Silva³

Roberta Varginha Ramos Caiado⁴

*Ouvi prontamente a voz alta e zombeteira de Ireneu.
Essa voz falava em latim; essa voz (que vinha das
trevas) articulava com moroso deleite um discurso, ou
prece, ou encantamento. Ressoavam as sílabas
romanas no pátio de terra; o meu temor as tomava
por indecifráveis, intermináveis; depois, no enorme
diálogo dessa noite, soube que formavam o primeiro
parágrafo do 24º capítulo do 7º livro da Naturalis
historia. O tema desse capítulo é a memória: as últimas
palavras foram ut nihil non iisdem verbis redderetur
auditum.*

(Funes, o memorioso. Jorge Luís Borges)

Resumo: Linguagem e memória não são funções autônomas, que atuam como arquivos executáveis por si só, são ações que se constituem mutuamente no processo dialógico e interativo da comunicação humana, no contato com o outro. A cada ação de linguagem outras ações mnemônicas são realizadas, constituindo blocos de registros que servem de amálgama para nossos discursos, pois, sempre partimos de um já-dito para a construção do dito, e projetamos o futuro por meio dessa ação referencial, que é o processo mnemônico. Por isso, iremos aqui analisar de que forma a linguagem é utilizada como fio condutor da memória e como a constituição desta memória serve de pano de fundo para o processo identitário, interativo, social, histórico e discursivo de nossa ação comunicativa e produção de sentidos. Para tanto, tomamos como base teórica, a definição clássica de memória protagonizada por Aristóteles; em seguida, levamos em consideração o pressuposto da relação entre a linguagem, a memória e a identidade, trazendo, assim, um viés sociológico sobre a importância desse estudo; por fim, remetemo-nos a concepção de memória enquanto interdiscurso, partindo dos princípios da Análise do discurso de linha francesa, inaugurada por Michel Pêcheux, e divulgada no Brasil, por Eni Orlandi. Todo esse percurso tem como finalidade mostrar até que ponto a linguagem tece nossas memórias, e como nossas memórias são as chaves para nossos

¹ Trabalho apresentado na XVI Semana de Estudos Linguísticos e Literários da UNICAP – 22 a 24 de abril de 2014.

² Mestranda do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), bolsistas CAPES/PROSUP.

³ Mestrando do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), bolsistas CAPES/PROSUP.

⁴ Professora doutora, coordenadora do curso de mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

discursos, para nossos ditos e não-ditos no processo interativo da comunicação humana no meio coletivo, no nosso agir na sociedade, independente da época, uma vez que só é possível se conceber a sociedade porque há sujeitos de memória.

Palavras-chave: Linguagem. Memória. Identidade. Discurso. Análise do discurso.

INTRODUÇÃO

Ouvir uma canção, recitar um trecho de um poema, sentir um perfume, vislumbrar a imagem de uma tela de Portinari, todas essas ações, percepções, são construídas pela memória. Há estudiosos, como Daniel Schacter, renomado pesquisador do Instituto de Psicologia de Harvard e coordenador do *Schacter Memory Lab*, que afirmam que a memória não apenas é constituída e gerencia informações do passado, como pode nos permitir imaginar o futuro. Não está centrada em uma parte do cérebro, mas aciona várias partes, seja no momento da recordação ou da projeção futura.

Instigada pela percepção, que funciona por meio de processos ativos e passivos, estes excitam a mente produzindo efeitos de qualidade de sentimentos; aqueles provocam uma reação da mente originando associações por meio de similitudes – semelhanças com o real; a memória é uma teia tecida por vários fios, um deles, o da linguagem, pois, como afirma Fiorin (2007, p. 55), “... onde as coisas não têm nome, é incapaz de apreender os objetos em torno dela, não sabe o que eles são. Isso significa que a realidade só tem existência para os homens quando é nomeada” e, conseqüentemente, guardada na memória.

A realidade, aqui observada como o emaranhado de apresentações e representações que a constituem, sejam estas de valor referencial, simbólico, social, histórico, cultural, ideológico etc. tem como materialidade para a memória o próprio universo discursivo. Este universo está estruturado e engenhosamente organizado pela linguagem. Daí o fato de a linguagem ser

um dos fios essenciais na tessitura da teia mnemônica, como veremos mais adiante.

1 O QUE É A MEMÓRIA? – CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS E PSICOLÓGICAS

A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória.
IVÁN IZQUIERDO (2006)

De acordo com Aristóteles, em seu Tratado *De memoria et reminiscentia* (in. *Parva Naturalia*), a memória está associada à ideia de arquivamento, armazenamento. De algo a ser guardado involuntariamente, ou seja, independe de nossa vontade e desejo, por isso a memória teria como objeto o passado e nunca o presente: “a memória é do passado; ninguém poderia afirmar que lembra o presente enquanto presente” (2012, p. 76).

Também esta associada ao simbólico, uma vez que “pertence à parte da alma a que também pertence à imaginação; todas as coisas passíveis de ser imaginadas são essencialmente objetos da memória” (2012, p. 78).

Em seu artigo “A memória que herdamos dos gregos: da poesia, história e filosofia”, Martins Soares retoma a distinção aristotélica entre memória (*Mneme*) e recordação (*Anamnesis*): “*Mneme* refere a simples presença da lembrança no espírito; *Anamnesis* diz respeito à recordação enquanto esforço de procura”. Como se pode perceber, Aristóteles observa a memória como algo estritamente ligado ao passado, já a recordação dependeria de um desejo de procura, daí seu aspecto ativo, de ação.

Nesse mesmo artigo, Soares declara que Paul Ricoeur, dialogando com as investigações aristotélicas, considera que a memória vai “além da sua dimensão cognitiva ou epistêmica que é a operação de reconhecimento, a memória tem uma dimensão prática de pesquisa (*zetesis*), que provém do seu uso ou exercício” (SOARES, s/d).

Contudo, para o professor Daniel Schacter, do Instituto de Psicologia de Harvard, e um dos maiores pesquisadores sobre a memória, esta última é vista como um processo construtivo, não só pautado na percepção, mas que mantém uma forte relação com o futuro. Ela estaria muito mais atrelada à ideia de construção do que de simples reprodução, e uma de suas funções seria imaginar o futuro, agindo, dessa forma como um grande simulador.

Em sua apresentação na conferência *La ciudad de las ideas 2010 – The origins of the future*, Schacter aborda a temática *Future memory: imagining, remembering, and the brain*, e faz a seguinte afirmação:

A memória é um processo construtivo. Quando recordamos uma experiência do passado, não estamos abrindo um arquivo como quando abrimos um arquivo no computador, mas sim estamos unindo peças de informações de distintas fontes, são diferentes elementos de um fato, conhecimentos gerais, crenças, expectativas, tudo isso entra na construção do que chamamos de memória (2010).

Pudemos observar que esta ideia mantém relação intrínseca com a teoria heideggeriana sobre memória e antecipação, "... podemos começar por dizer que o futuro e o passado heideggeriano não são no essencial diferentes da memória e da antecipação em Husserl. Em ambos, estando nós num presente e olhando quer para o que passou quer para o que vai vir, não só ainda vemos isso como já o vemos (REIS, 2005, p. 377)".

Quem também nos traz outra concepção acerca da memória é o neurocientista, Iván Izquierdo, do Centro de Memória do Instituto de Pesquisas Biomédicas da Pontifícia Universidade Católica (PUC), a realidade só é possível graças à memória. Ela está relacionada não só a nosso "senso histórico", mas também à "nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou)" (1988). Sua aquisição é sinônimo de aprendizado, porque "não há memória sem aprendizado, nem há aprendizado sem experiências".

Ao olharmos, ouvirmos, percebermos, sentirmos e associarmos a algo significativo, já estamos criando memórias. Estas são formadas, processadas, por meio de seleções, consolidações, incorporações de outras informações e registros, pouco tempo depois de cada acontecimento ou experiência vividos. Fato intrigante para a ciência é que “não se conhecem os mecanismos pelos quais as memórias se mantêm armazenadas durante tanto tempo, às vezes décadas”, como afirma Izquierdo (1988).

Pois bem, até aqui observamos a memória por meio de sua concepção filosófica e psicológica, porém, o nosso foco é a memória enquanto objeto do discurso, e dessa forma, criada e recriada pela linguagem, modelada por nós e intrinsecamente ligada à identidade e à ideologia.

2 LINGUAGEM – MEMÓRIA E IDENTIDADE

MEMÓRIA

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Se a literatura pode ser vista como a arte da memória, então, por meio de que instrumento, de quais tintas, cores, esta arte é constituída? A memória, aqui em nossa análise, é vista como fato social constituído e

construído na e pela linguagem, pautado na relação entre o simbólico e o ideológico, aspecto imanentemente ligado à identidade.

Saussure questiona: o que é a língua separada do discurso? Nós nos atrevemos a perguntar: o que é a memória sem a língua e a linguagem?

Sabemos que a língua não é algo transparente, neutro, ou apenas uma reprodução, e nisso podemos compará-la às nossas memórias, uma vez que estas são lacunares, propensas a erros e repletas de espaços em branco que serão preenchidos e atualizados por meio dos diversos processos discursivos, interativos, de nosso dia a dia.

Ao teorizar que a memória é um processo construtivo e, neste caso, também entram forças simbólicas, podemos afirmar, em consonância com Pierre Achard (2007, p.8), que ela “trabalha ao ser reenquadrada por formulações no discurso concreto em que nos encontramos”. Dessa forma, o tecido da memória se torna prioritariamente discursivo, ou melhor, costurado pelo fio da linguagem, dos discursos, do dito, do não-dito e do silenciado, pois sendo a “memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação” (ACHARD, 2007, p. 17).

Tornar o conhecimento algo significativo é uma das principais características para que se forme uma memória, como bem lembra Davallon (2007, p. 25), “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância”. Que ele atue como dínamo em nossa mente desencadeando as várias conexões necessárias, inclusive as de ordem da linguagem e do discurso, para que a memória seja processada.

Um dos nossos intuitos ao estudarmos a memória e suas várias formas de produção de significados e sentidos, foi percebê-la como ferramenta, mas também, como mecanismo. Como ferramenta que pode projetar o futuro, como mecanismo que se utiliza da linguagem. Contudo, isso não é tarefa fácil, pois como bem explica Pêcheux (2007, p. 50),

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da 'memória individual', mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. O risco evocado de uma vizinhança flexível de mundos paralelos se deve de fato à diversidade das condições supostas com essa inscrição: é a dificuldade – com a qual é preciso um dia se confrontar – de um campo de pesquisas que vai da referência explícita e produtiva à linguística, até tudo o que toca as disciplinas de interpretação: logo a ordem da língua e da discursividade, a da 'linguagem', da 'significância' (Barthes), do simbólico e da simbolização.

É exatamente desse confronto, que a memória também passa a ser vista como uma grande teia tecida pela linguagem e, conseqüentemente, pelo discurso. E dentro desta concepção, ela ganha *status* de alteridade, de identidade.

De acordo com Candau (2012, p. 09-10), memória e identidade é “uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro”, por isso ambas estão “indissolúvelmente ligadas”. Ainda, segundo o autor,

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAUI, 2012, p. 16).

Então, isso significa dizer que a linguagem, “como *medium* intransponível de toda reflexão teórica e prática, (...) entendida como constitutiva de sentidos”, como bem afirma Zanella (2012, p. 132), é um dos meios pelos quais a memória e a identidade podem ser modeladas e remodeladas na ação constitutiva dos sujeitos, uma vez que ela, a memória, “é a identidade em ação” (CANDAUI, 2012, p. 18).

É imperioso definir que essa memória, que está ligada às operações inscritas na linguagem, é feita de discursos, de diálogos, de processos interativos e integralizados na sociedade, de ditos, de não-ditos e de elementos silenciados. Por isso, sua contribuição imprescindível à

constituição da identidade do sujeito, ao processo de autonomia e emancipação deste ator social na arena histórica dos discursos.

3 A LINGUAGEM NO TEAR DISCURSIVO – A MEMÓRIA DISCURSIVA

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidivo como o próprio tempo.
(José Saramago)

Bem sabemos que a construção das memórias se dá pelas várias ações que mantemos no nosso dia a dia. Ações estas que são, em geral, constituídas pela linguagem e que se tornam um amálgama para a criação, ou melhor dizendo, o surgimento de nossa identidade. É por meio dessas memórias, tecidas pela linguagem e pautadas na ideologia, que o homem se torna cada vez mais atuante na esfera social, mantendo um diálogo entre sujeito ideológico e sociedade, adquirindo seu espaço e, conseqüentemente, fazendo vir à tona o seu dizer.

Esse é um movimento de dentro para fora do sujeito, e, também, de fora para dentro, num contínuo intenso em que os atos comunicativos, permeados pela linguagem, modelam memórias, e as memórias, por sua vez, tornam-se a base para ação dialógica e integradora na sociedade.

Nesse aspecto, retomamos a ideia de que todo falar não é uníssono, mas um eco de múltiplas vozes, lugar em que sujeito e ideologia se encontram para um ato comunicativo preñado de sentidos e de significações, uma vez que este sujeito é atravessado por essa ideologia e comunga com aspectos imanentes como a cultura, a sociedade e a história de seu povo.

Dentro dessa perspectiva, o discurso é associado ao “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2009, p. 21), e não apenas como um mecanismo de transmissão de dados entre um emissor e um receptor. O discurso aqui é definido “como um objeto social cuja especificidade está em que sua materialidade é linguística” (ORLANDI, 1996, p. 27), ou seja, o discurso embora sendo intrinsecamente um elemento linguístico, é constituído pelo aspecto social presente nas relações humanas.

Por isso, se o discurso é constituído por sujeitos, então não há discurso neutro, uma vez que não existem sujeitos neutros e estes estão sempre em relação permanente, o que possibilita a construção de vários discursos e a produção de diversos sentidos.

Ainda em relação ao discurso, podemos afirmar que este está entre o aqui-lá, ou como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008, p. 17). Tudo o que já foi dito antes participa do processo de constituição nosso dizer atual. Essa memória desse dizer funciona como interdiscurso, ou relação do discurso com outros discursos, pois “o dizer só faz sentido se a formulação se inscrever na ordem do repetível, no domínio do interdiscurso” (ORLANDI, 1996, p. 68).

Vale a pena ressaltar que o conceito de memória abordado pela Análise do discurso de linha francesa é denominado por memória discursiva:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2007, p. 52).

Nesse sentido, a concepção de memória está intimamente ligada à produção discursiva. Ao saber adquirido pela relação direta com o outro, com a história, com a cultura e a ideologia, sustentado pela linguagem, pelo dizer, e pelas diversas ações comunicativas. Porque esse dizer “não é propriedade particular”, como bem enfatiza Orlandi, ele é uma comunhão,

um ponto de encontro, onde “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (2009, p. 32).

Esse dizer discursivo tem por constituição íntima a própria memória, como bem enfatiza a pesquisadora, Alba Valéria, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobre a ideia de discurso e memória defendida por Pêcheux:

Todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos. Assim, quando não conseguimos recuperar a memória que sustenta aquele sentido, temos o *nonsense*. Ainda que o falante não tome consciência desse movimento discursivo, ele flui naturalmente. A memória discursiva, também enfatizada por Pêcheux como interdiscurso, de outro modo, é um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido. Esse saber corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo 'já dito', entretanto ainda continua alinhavando os nossos discursos. (IGNÁCIO, Alba Valéria Alves. In. A memória discursiva na formação de professores reflexivos, s/d).

É dentro dessa articulação discurso e memória que são produzidos os sentidos. Mesmo porque dar significação às memórias está immanentemente arraigado ao sentido que damos e percebemos do mundo à nossa volta. Nossa história, nossa cultura, nossa ideologia são o amálgama que unidos ao inconsciente nos tornam esses sujeitos memoriais; produtores de registros que emergem da representação *aqui-lá*, sendo estas duas variáveis fundamentais para a atuação no jogo passado-presente, como bem afirma Vogt (2003),

A semantização da linguagem dá-se por este jogo de claro-escuro, de presença-ausência, de presente-passado, de aqui-lá que constitui, nesse sentido, não apenas o paradigma de oposições que estrutura a memória, mas que, na verdade, é por ela estruturado como condição essencial do ato de dizer e de significar, tanto nas suas explicitudes como nos implícitos próprios do não dito e nos infinitos jogos de preenchimento de lacunas (...).

Esse processo de semantização tem como foco suprir as lacunas dos fatos observados dos quais a mente humana não dá conta de recordar em sua totalidade, mesmo porque, como já foi dito, o interdiscurso é feito de esquecimentos, pelo conjunto "de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos", por isso é imperioso não confundir o conceito de interdiscurso com o de intertexto, pois, como bem frisa Orlandi (2009, p. 33),

Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o 'anonimato', possa fazer sentido em 'minhas' palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome.

Por isso, acreditamos que a linguagem inscreve a memória dentro da textualidade, nas entranhas dos discursos. Tornando possível a construção de sentidos e significações, pois se a memória é a matéria vital dos discursos, a linguagem, por sua vez, será a molécula capaz de tornar possível a constituição dessa memória, ou seja, o elemento necessário para que a memória esteja sempre em atualização nas formações discursivas.

POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mnemosyne, deusa da memória e mãe de todas as musas, filha de Gaia e Urano, é a única que tem o poder de ligar passado, presente e futuro e, com isso, salvar os homens da morte. Banhar-se nesse passado é imanente ao agir no presente e ato criador para o futuro. Por isso, as memórias, além de serem guias, são ferramentas de atuação no presente. São elos que conectam nossos discursos. Fundamentos que embasam nossa ideologia. Colcha de retalhos formada pelas nossas várias atuações sociais, históricas, culturais, individuais, coletivas, etc., cosida pelo fio da linguagem.

Procuramos deixar claro, em nossas investigações aqui apresentadas, que a memória é a argamassa que molda e modela nossa identidade e nossos discursos. Que nossa ação, enquanto sujeitos, seja no individual ou no coletivo, é um reflexo e uma refração de nossa atuação linguajeira, especificamente de nosso dizer comunicativo, pois esse dizer está cada vez mais permeado pelas relações discursivas que realizamos no nosso dia a dia, pelo interdiscurso fomentado em nossa memória. Sendo esta memória discursiva “parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos”, como bem afirma Mendonça (s/d). E dessa forma “o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória (já-dada) que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos” (id.ibidem).

Por isso, a visão de linguagem que trouxemos para esse debate é a de objeto hermenêutico que precisa da ação do outro, da interação com o outro. Observada enquanto fio condutor que nos une a esse outro por meio de processos comunicativos sustentados pelo diálogo, pela autocompreensão, pela ideologia e dessa maneira, o sujeito percebe-se como sujeito do dizer, construído e constituído pela linguagem.

Essa linguagem, inscrita no sujeito, é o meio pelo qual ele se identifica, e toma parte e partido, nos diversos contextos de sua ação. Ela é uma *graphie* (inscrição) que instiga um *mnemoneuma* (recordação) - termos já apresentados por Paul Ricoeur - pois retoma e torna presente o que estava ausente, atualizando as memórias a cada atividade discursiva da enunciação.

Com isso, finalizamos este artigo ressaltando que nossa pretensão não foi esgotar a temática em questão, pois sabemos o quanto ela ainda é pauta de diversas pesquisas nas áreas das Ciências humanas e sociais, uma vez que abordar sobre aspectos atrelados à memória, à identidade e à linguagem é tocar o cerne da atividade humana na esfera social. Apenas

tivemos a curiosidade de levantar a ponta do véu que encobre o mundo das coisas como elas são, mostrando sutilmente alguns desses aspectos no ato dinâmico, dialógico e ideológico da comunicação humana.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. et al. *O papel da memória*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2007.

ARISTÓTELES. *Parva Naturalia*. Obras completas. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.

BORGES, Jorge Luís. *Funes, o memorioso*. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/funes.htm>. Acesso em: 26/02/2014.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In. ACHARD, Pierre. et al. *O papel da memória*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2007, p. 23-32.

FIORIN, José Luiz. et al. *Introdução à linguística – I. Objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 55.

IGNÁCIO, Alba Valéria Alves. *A memória discursiva na formação de professores reflexivos*. UFMT. Disponível em http://www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao04/04_023.php. Acesso em 02 de abr. de 2014.

IZQUIERDO, Iván. *A memória segundo Iván Izquierdo*. 2006. Disponível em: noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2006/06/29/438015/memoria-segundo-ivan-izquierdo.html Acesso em: 11-02-2014.

_____. Memórias. *Estudos Avançados*, out/1988, IEA, p.89-112. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf Acesso em: 08-02-2014.

MENDONÇA, Kleber. *Assentamentos da memória: (re)construções de memória discursiva na revista Veja*. UFF, Disponível em <http://www.unicap.br/gtpsmid/pdf/CD-KleberMendonca.pdf>. Acesso feito em 02 de abr. de 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discursos – princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes editores, 2009.

_____. *Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso – estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2008.

_____. Papel da memória. In. In. ACHARD, Pierre. et al. *O papel da memória*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2007. p. 49-56.

REIS, José. O tempo em Heidegger. *Revista Filosófica de Coimbra*, n.28, 2005, p. 369-414. Disponível em: www.vc.pt/fluc/dfci/publicacoes/o_tempo_em_heiddeger. Acesso em: 06/02/2014.

SCHACTER, Daniel. *La ciudad de las ideas 2010 – the origins of the future*. Future memory: imagining, remembering, and the brain. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=jCCgTmcaFBU#t=60. Acesso em: 06/02/2014.

SOARES, Martinho Tomé Martins. *A memória que herdamos dos gregos: da poesia, história e filosofia*. Disponível em: http://www.academia.edu/1512409/A_memoria_que_herdamos_dos_gregos_da_poesia_historia_e_filosofia#. Acesso em: 26/02/2014.

VOGT, Carlos. *Memória e linguagem*. 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/01.shtml>. Acesso em: 17/04/2014.

ZANELLA, Diego Carlos. A ética comunicativo-discursiva de Jürgen Habermas. *Thaumazein*, ano V, n.10, Santa Maria, dez/2012, p.131-149. Disponível em: sites.unifra.br/Portals/1/Numero10/Zanella_10.pdf. Acesso em: 26/02/2014.